

**Origem, ascensão e queda da Sociedade Húngara de Psicanálise:
uma retomada histórica**
**Hungarian Psychoanalytical Society birth, rise and fall:
an historical recaptured**

Francisco Hashimoto

Doutor em psicologia (USP) e livre-docente em orientação profissional (Unesp). É professor adjunto da graduação e da pós-graduação em psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

E-mail: frahas@uol.com.br

Marcos Mariani Casadore

Mestre em psicologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e doutorando pela mesma instituição. É professor de psicologia das Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO).

E-mail: mmcasadore@yahoo.com.br

Resumo: No início do movimento psicanalítico, a Hungria foi um dos países pioneiros dentre os que acolheram e propagaram a psicanálise. Sándor Ferenczi, figura principal de desenvolvimento da psicanálise no país, abraçou a causa psicanalítica e se tornou um dos mais importantes teóricos de sua história. Responsável pela criação da Associação Psicanalítica Internacional, fundaria também a Sociedade Húngara de Psicanálise, instituição reconhecida pela originalidade de suas propostas. Além de Ferenczi, Melanie Klein, Michael e Alice Balint, Géza Roheim, dentre outros, foram seus membros. Neste estudo de caráter histórico, o intuito é retomar todo o caminho trilhado pela instituição húngara, desde sua fundação até sua dissolução, em 1949. A identidade e o “espírito” investigativo daquela instituição se perpetuam ao longo da história psicanalítica, influenciando, direta ou indiretamente, grandes escolas e teóricos da psicanálise, como D. W. Winnicott e alguns pensadores das escolas americanas e francesas.

Palavras-chave: psicanálise; história da psicanálise; sociedade húngara de psicanálise; instituições psicanalíticas; Sándor Ferenczi.

Abstract: Hungary was a place where psychoanalysis founded a great support and development at the beginning of psychoanalytical movement. Sándor Ferenczi, leading figure of psychoanalytical increase in the country, embraced the psychoanalytic cause and became one of its most important theorists and thinkers in history. Responsible for the foundation of the International Psychoanalytical Association,

also created the Hungarian Psychoanalytical Society, an institution recognized for the originality of their proposals. Besides Ferenczi, Melanie Klein, Michael and Alice Balint, Géza Roheim, among others, were its members. In this historical study, the purpose is to resume the entire path taken by the Hungarian institution, from the foundation to its dissolution in 1949. The identity and the investigative “spirit” of that institution perpetuate throughout psychoanalytical history, influencing, directly or indirectly, great schools and theorists of psychoanalysis, eg, D. W. Winnicott and some thinkers of American and French schools.

Keywords: psychoanalysis; psychoanalytical history; hungarian psychoanalytical society; psychoanalytical institutions; Sándor Ferenczi.

É impossível falar da psicanálise na Hungria sem associá-la, inicialmente, ao nome de Sándor Ferenczi, médico nascido em 1873 e precursor do estudo e da prática psicanalítica no país. Já considerado por Freud, nos primórdios do desenvolvimento psicanalítico, como aquele que “valia por uma sociedade inteira” (Freud, 1914/1996, p. 43), Ferenczi foi um dos pioneiros e figura central da relação inicial entre a psicanálise e Budapeste, capital húngara.

Ferenczi encontrou-se com Freud pela primeira vez em 1908 e, a partir de então, manteve com este um vínculo estreito pelo resto de sua vida, vínculo este caracterizado por grandes construções teóricas paralelas e, também, num momento derradeiro, por consideráveis divergências de pensamento.

O húngaro havia se encantado pelas ideias freudianas, pelo constructo teórico da psicanálise enquanto ciência ascendente e, ainda, pela possibilidade original de intervenção clínica oferecida pelo método e pela técnica psicanalítica. Ferenczi, já há alguns anos, tinha um envolvimento significativo com a escrita de ensaios na área médica: publicou dezenas deles, sobre variados assuntos, entre 1897 e 1908, quando conheceu, de fato, a psicanálise – e passou, então, a escrevê-los a partir da concepção psicanalítica de sujeito e sobre a prática da psicanálise. Até então, o que poderíamos inferir é que o psicanalista húngaro, mesmo num período pré-psicanalítico, se envolvia bastante com a pesquisa e produção científica acerca da saúde: em seus artigos pré-psicanalíticos, podemos encontrar, dentre as temáticas, escritos sobre a hipnose, o desenvolvimento da consciência, a assimilação entre doenças mentais, a “cura” e a saúde relacionadas à leitura ou à crença etc. Já em relação à psicanálise, desde seus primeiros anos envolvido com a prática psicanalítica, ele já havia publicado artigos que seriam muito relevantes – quiçá referenciais – e postulado importantes considerações e contribuições para o chamado “movimento psicanalítico” das primeiras décadas do século

XX. Podemos entrever um tanto da empolgação de Ferenczi no trecho de uma das correspondências que enviou a Freud dois anos depois de conhecê-lo:

Estou sentindo-me como um velho engenheiro ferroviário que conheço, que – aposentado após 50 anos de serviço – se põe diante da locomotiva parada à sua frente e exclama como ingênua admiração: “Mas é mesmo uma bela invenção!” Há anos que a psicanálise ocupa minhas horas da manhã à noite, sou um operário deste método, ela é minha ferramenta e meu pão de cada dia. E não passa dia em que eu não tenha de parar – com frequência, no meio do trabalho – para admirar o enorme progresso do conhecimento da humanidade, seja da humanidade doente, seja da humanidade saudável. “Mas é mesmo uma bela invenção!”. (Ferenczi *apud* Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994, p. 230)

Essa receptividade e entusiasmo não se limitavam simplesmente à figura de Ferenczi: como veremos a seguir, nas palavras de Roudinesco & Plon (2007, p. 358), “os meios literários e artísticos manifestaram, um pouco como os surrealistas em Paris, um entusiasmo imediato pelos fenômenos relativos ao inconsciente”.

Dentre os projetos empreendidos pelo médico húngaro, duas propostas “institucionais” mereceriam destaque: em 1910, durante o II Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Nuremberg, Ferenczi sugeriu, a partir de uma ideia formulada por Freud e ele, a fundação de uma Associação Psicanalítica Internacional (IPA, na sigla internacional), que regularia não só o desenvolvimento ulterior da ciência como, ainda, a qualidade de formação teórica e técnica dos psicanalistas. A IPA seria importante para que Freud mantivesse unidade e coerência científicas entre as explicações psicanalíticas que estavam por vir e sua definição e formação, já que o movimento parecia começar a tomar rumos muito diferentes daqueles intentados por seu criador no início – consequência de uma expansão que, se por um lado era positiva, logo se mostrava também desordenada. A psicanálise passava a ser apropriada de maneira irresponsável por alguns médicos (Freud, 1910/1996). Ela necessitava naquele momento de um agrupamento mais organizado, e disso dependia sua evolução perante a classe científica. Tais aspectos perpassam todo o discurso de Ferenczi quando ele propõe a Associação (Ferenczi, 1910/2012). Além disso, uma associação internacional começaria a agrupar todos os pequenos grupos e sociedades psicanalíticas que surgiam pela Europa e até mesmo nos Estados Unidos sob a égide de uma instituição maior, central.

Como Freud havia dito a Ferenczi numa carta, aquele congresso determinaria o fim da infância do movimento psicanalítico; agora, teriam pela frente uma bela e rica juventude (Freud *apud* Falzeder *et al.*, 1994).

Três anos mais tarde, Ferenczi conseguiria finalmente fundar a Sociedade Psicanalítica de Budapeste, projeto que levava consigo desde seu primeiro contato com Freud e com a ciência psicanalítica. Era a terceira das sociedades freudianas, depois da austríaca e da suíça. O próprio Freud destacaria seu surgimento numa nota de rodapé acrescida em 1923 ao artigo “A história do movimento psicanalítico” (Freud, 1914/1996), enfatizando que, sob a liderança de Ferenczi, florescia uma brilhante escola analítica na Hungria: na época, então com dez anos de existência, a sociedade húngara já havia crescido e começado a despontar no cenário psicanalítico. Aqui, no entanto, cabe começarmos a discussão sobre a psicanálise na Hungria num momento pré-associação e, de certo modo, nos aproximarmos um pouco mais do contexto social que perpassava aquele momento.

1. Contexto social e histórico: Budapeste no início do século XX

Ao considerarmos o contexto histórico do início do desenvolvimento psicanalítico, perceberemos que a Hungria despontava como polo intelectual europeu em incrível ascensão durante as primeiras décadas do século XX. Budapeste, ao lado de Viena – e não só num sentido meramente geográfico, mais, sim, aliada a ela no desenvolvimento sociocultural –, apresentava-se como cenário bastante propício para o advento não só da psicanálise, como uma “nova ciência”, mas também das artes e da literatura, além de outras correntes de pensamento voltadas às ciências sociais e à educação, por exemplo. Eram países de vanguarda no que concernia às novas e originais explorações e concepções científicas. A diferença entre as duas cidades, porém, era bastante significativa: enquanto Viena era tida como um privilegiado polo intelectual europeu, Budapeste, recém-“fundada” como cidade única e capital, após a união das províncias de Buda e Pest, se diferenciava consideravelmente do resto do país, aristocrático e conservador. A cidade que “nasceu” com Ferenczi começava, com bom ânimo e ritmo, seu processo de modernização.

Na Hungria, especificamente, intelectuais mais radicais, impulsionados principalmente por ideologias políticas relacionadas à situação da nação, reclamavam melhorias sociais e uma maior abertura à democratização do país que, até então, ainda era estruturalmente semifeudal – como parte do Império Austro-Húngaro e regida monarquicamente, junto da Áustria, pelo imperador Francisco José I, a Hungria se submetia a um controle mais “austríaco” de seu

estado. A tentativa de “construção” de uma nação húngara, desde meados do século XIX, se dava apesar da monarquia austro-húngara, e tinha de lidar com o domínio e poderio austríaco.

A identidade húngara, nesse ínterim, havia de conciliar influências culturais variadas: os húngaros mantinham sua cultura e sua língua materna, mas as universidades húngaras, por exemplo, ofereciam aulas somente em alemão (Mautner, 2009): o letramento na Hungria obrigava os indivíduos a dominarem, no mínimo, duas línguas, e essa era a geração de Ferenczi. Como já visto, enquanto a língua alemã se referia aos “instruídos” e às ciências, a língua húngara, o magiar, se limitava às situações informais e corriqueiras: “a língua escrita, a língua da história, da ciência, era sempre a língua do dominador. A língua magiar ficou reclusa na informalidade das relações interpessoais, especialmente no âmbito da família, [...] como língua de comunicar afetos e desditas” (Mautner, 1996, pp. 28-29).

Isso, no entanto, posteriormente se transformou: uma língua com uma aura tão emocional, “[...] a língua do afeto, do lar, da infância” (Mautner, 2009, p. 191), encaixaria perfeitamente em uma nova ciência que se atrelava a uma prática que tanto valorizava a linguagem, o emocional e o infantil. Segundo a autora, a língua húngara se instituiu naturalmente nos grupos psicanalíticos de Budapeste e, ao se estruturar como tal, não só resgatava a nacionalidade e formava identidade daquele grupo como, ainda, relegitimava uma cultura que, até então, muito se submetia a um poder maior e externo de Estado. Ferenczi, nas correspondências com Freud, falava muito sobre as traduções que realizava dos artigos freudianos para o húngaro, do livro que escrevia em húngaro e, com orgulho, se referia à psicanálise como sua tradução para o magiar, “Lélekelemzés”. Criava-se, aos poucos, uma psicanálise propriamente húngara.

Nesse período, a elite intelectual que ascendia em Budapeste acreditava que a melhor maneira de se alcançar o progresso político e econômico seria através de uma transformação fundamental nos meios científicos e, principalmente, educacionais, visando essencialmente, segundo Brabant-Gerö (2005a), a libertação do indivíduo e a libertação da sociedade caminhando juntas, lado a lado. Iniciou-se, assim, um processo de modernização acelerada.

Como aponta Szecsödy (2007), nesse início de século XX, a psicanálise aparecia como objeto de interesse nas discussões intelectuais que aconteciam diária e intensamente nos cafés de Budapeste: atrelada à poesia e à literatura, à arte, à filosofia e à política, a nova ciência compunha o quadro modernista que se delineava de maneira cada vez mais própria.¹ A

¹ Moreau-Ricaud (2000) afirma que, sob a influência de Ferenczi – que participava dos círculos literários e representava, se certo modo, um elo dessa relação psicanálise/literatura –, muitos poetas e escritores começaram

abertura de Budapeste para o desenvolvimento científico e intelectual a partir do que era “importado”, e construindo daí algo muito particular, favoreceu o cosmopolitismo da cidade e, conseqüentemente, sua disposição para acatar perspectivas artísticas e científicas mais progressistas. O movimento, porém, não era simplesmente o de incorporação de uma cultura externa imposta, mas, sim, o de construção criativa a partir dessas influências. Os intelectuais se mostravam bastante ativos e, segundo Moreau-Ricaud (2000), tiveram um papel muito importante nas mudanças referentes aos campos educacionais e, principalmente, com a fundação e divulgação de jornais e revistas “modernistas”. Dentre esses, estavam os judeus e, ainda, os representantes da burguesia urbana, liberal.

Mautner (1994; 1996) e Mezan (1993) chamam a atenção, ainda, para o quanto essa construção gradativa de uma cultura nacionalista própria húngara, a partir das influências externas europeias, também demarcava a tentativa de certa emancipação da relação e do controle que, até então, eram exercidos pela Áustria. Construir-se como nação era estabelecer seus limites e particularidades. Mautner (1996) destaca esse isolamento da Hungria do império austro-húngaro como um primeiro momento na construção da autonomia nacional moderna, e é essa característica de “isolada” que propiciaria ao país a construção de uma cultura moderna bastante original. A psicanálise, portanto, aparecia aqui atrelada a movimentos revolucionários e anti-imperialistas, o que também lhe conferia o estatuto de nacionalista.

Segundo Mezan (1993), é justamente ao tentar se diferenciar daquilo que provinha especificamente de Viena, centro hegemônico do Império, que Budapeste também se afastava do conservadorismo exacerbado vienense, bastante característico da época, e se colocava como ainda mais receptiva ao novo, ao conhecimento e às perspectivas que provinham, por exemplo, da França ou da Alemanha. De acordo com o autor:

[...] como em vários países da Europa Central e Oriental, a intelectualidade húngara imbuí-se de uma missão civilizadora, vendo a si própria tanto como a encarnação da inteligência da nação – de onde o interesse em resgatar e aprimorar os ricos veios da cultura popular – quanto como canal de comunicação entre o local e o universal – de onde a busca de ideias e de formas nos centros europeus mais desenvolvidos. (Mezan, 1993, p. 20)

O paradoxal, aqui, fica por conta de uma ciência criada em Viena ter encontrado em Budapeste, nesse contexto geopolítico e cultural, um espaço e um cenário que favoreciam tão bem seu desenvolvimento. A psicanálise, porém, chegaria à Hungria também por intermédio de Fülöp Stein, médico que participou de um congresso sobre alcoolismo em Zurique, na Suíça, e lá conheceu Eugen Bleuler e Carl Jung. É Stein quem relata um pouco sobre as propostas da psicanálise a Ferenczi – neurologista que já a conhecia superficialmente, mas, até então, o assunto não lhe despertara interesse. Por indicação de Jung, os dois são apresentados a Freud em 1908. Esse, portanto, foi o melhor dos vários caminhos de entrada da psicanálise na Hungria, e resultaria, anos mais tarde, na criação da Sociedade Húngara de Psicanálise, uma associação repleta de analistas muito engajados e originais. Ferenczi, um de seus fundadores e seu membro mais notório, buscava então formas diferentes e eficazes para o tratamento de doentes, e encontrou nas propostas de Freud uma alternativa promissora.

A psicanálise, portanto, dá uma volta, chega à Budapeste intermediada por suíços e ali se instala gradativamente – ela iria compor esse movimento modernista e emancipatório que, em maior grau, construía aos poucos uma identidade nacional, social e política da Hungria. Mautner (1996) nos diz que os psicanalistas húngaros misturavam-se a profissionais de outras áreas e, conseqüentemente, construía-se “uma cultura psicanalítica quase autóctone. Ela não se instalou na Hungria como uma prática e uma teoria. A psicanálise se instalou *inteira* na cultura, ela se fez cultura” (p. 28, grifo da autora). Ao retomar o contexto social desse período, a autora nos diz que a psicanálise tornou-se imediatamente interdisciplinar e foi facilmente associada não só a demais áreas de conhecimento como, ainda, a políticos e literatos, antropólogos e educadores. Segundo Mautner (1996), por aparecer de forma quase já “legitimada” pela parceria com movimentos revolucionários nacionais e considerando, ainda, a abertura húngara às novas ideias científicas, a psicanálise não encontrou tanta resistência como mais comumente ocorreu em grande parte da Europa.

Moreau-Ricaud (2000) destaca que a relação entre a psicanálise e a literatura, naquele momento, era praticamente simbiótica – o que nos leva a pontuar que as propostas psicanalíticas eram encaradas com maior facilidade e apreço por intelectuais e artistas do que pelos médicos tradicionais, por exemplo. Há de se considerar, ainda, as dificuldades que também permeavam essa época, quando consideramos toda a população e todo o território concernente à nação húngara. A psicanálise encaixa-se muito bem na ascensão intelectual da Hungria, mas tal posicionamento “progressista” destoava significativamente da aristocracia mais tradicional, que encarava de maneira negativa tal implicação. Como já discutido anteriormente, e agora sustentado por Mezan (1993), a Hungria dava um salto longo em

direção ao cosmopolitismo moderno, mas não seria da noite para o dia que as contradições desse movimento, com sua infraestrutura agrária e semifeudal, desapareceriam. Ainda havia um poderio forte e reacionário no país, e Budapeste apenas começava a representar a autonomia cultural nacional – seu desenvolvimento e urbanização são rápidos, mas nada condizentes com aquilo em que a parcela conservadora do país acreditava.

Portanto, no campo mais específico da “formação” em psicanálise, ou seja, palestras e cursos para que profissionais a estudem e trabalhem com ela, nada ocorre com tanta facilidade nesses primeiros anos. Ferenczi, por várias vezes, relata a Freud em suas correspondências as tentativas de cursos e as palestras com plateias desinteressadas, com pouca gente que aparentaria “abraçar a causa” psicanalítica de fato. Quando surgem interessados “diferenciados”, Ferenczi conta o fato para Freud com entusiasmo, na esperança de que venham a aumentar o círculo psicanalítico de Budapeste. Isso se daria em parte e paralelamente também pela contradição entre uma prática médica mais “conservadora”, formada e engessada, e outra ascendente, como podemos entrever nesta passagem, escrita em maio de 1910:

Creio que o curso também deveria acontecer, mesmo que não sob a forma com que foi planejado. [...] darei o curso gratuitamente a um grupo de estudantes em fase de tese (7 ou 8). Estou renunciando definitivamente a querer ligações com médicos mais velhos, que já estejam clinicando. Não há dúvida: os jovens são a nossa esperança. Esses jovens estão cheios de entusiasmo pela ideia, talvez 2 ou 3 deles permaneçam na causa. Acrescentarei ao curso três não médicos (um pedagogo, um literato e o diretor-geral do Teatro Nacional) [...]. (Ferenczi *apud* Falzeder *et al.*, 1994, p. 234)

A psicanálise se vinculava, assim, de maneira diferenciada aos profissionais médicos em formação, mais jovens, que vivenciavam as mudanças culturais no seu todo e entusiasmavam-se com as propostas de uma nova ciência “revolucionária”. Por outro lado, havia certa resistência (apesar de também haver interesse e curiosidade) dos médicos já experientes e com uma reputação construída: Ferenczi não via na grande maioria deles a possibilidade de que “a causa psicanalítica” fosse priorizada e instaurada como prática clínica. Em outras cartas, Ferenczi contava também sobre a abertura que tinha na faculdade de medicina, por exemplo, para palestras sobre psicopatologia e psicanálise como convidado –

nestas, para centenas de estudantes em formação, discorria sobre generalidades das propostas de Freud e dizia encontrar entusiasmo no público que, ao final, pedia que voltasse para novas palestras (Ferenczi *apud* Falzeder *et al.*, 1994, pp. 153-154).

Tal entusiasmo dos médicos em formação foi o responsável, por exemplo, pela redação de uma petição feita pelos alunos em 1919, durante o regime socialista de Bela Kun, para que a psicanálise fosse ensinada na universidade – pedido este aceito e consolidado com a contratação de Ferenczi como professor universitário da faculdade de Budapeste. A revolução bolchevique de Bela Kun duraria apenas 133 dias e seria seguida pelo golpe de estado e pelo regime ditatorial imposto por Horthy, que, aos poucos, revogaria uma série de implementações da política anterior e, mais tarde, traria consequências maiores à Associação húngara de psicanálise.

O período revolucionário, embora muitíssimo curto, foi importante para introduzir mudanças sociais significativas para o país. De acordo com Mészáros (1998), a cadeira de psicanálise numa universidade teria enorme importância para o movimento e a história psicanalíticas, já que ela representava uma abertura fundamental da formação científica em medicina às ideias psicanalíticas.

Um sonho havia se tornado realidade: o treinamento e o tratamento psicanalíticos haviam recebido *status* oficial numa universidade [...]. Não se tem como enfatizar o suficiente o fato de a psicanálise se tornar parte da formação médica padrão em 1919: o mundo médico da Europa central, altamente conservador, havia aceitado um modo revolucionário de pensar. (Mészáros, 1998, p. 208)

A ditadura direitista e antisemita implantada por Horthy em 1920 anularia todas as designações da primeira: Ferenczi não só perderia o espaço formal na universidade como também sua filiação à Real Sociedade Médica de Budapeste. Como aponta Mészáros (1998), a psicanálise teria de esperar 25 anos para que fosse novamente reconhecida e autorizada a compor uma grade de formação básica em medicina, o que aconteceria nos Estados Unidos em 1944, quando foi dada uma cadeira de psiquiatria na Universidade de Columbia a Sándor Radó, outro psicanalista de origem húngara.

Aquela, portanto, seria a primeira cátedra de psicanálise numa universidade na história de seu movimento. Mas, independentemente desse reconhecimento formal, e como já entrevemos, o psicanalista húngaro desde o início se propunha a oferecer cursos com várias

horas semanais aos que estivessem interessados pela ciência do inconsciente. Moreau-Ricaud (2000) associa o grande número de palestras proferidas por Ferenczi nesses primeiros anos para profissionais e estudantes interessados a um ímpeto “impaciente” para conseguir consolidar uma sociedade psicanalítica na Hungria e, ali, descobrir seus melhores candidatos em potencial.

Não poderíamos deixar de considerar, ainda, a partir do excerto supracitado, a presença dos “não médicos” no curso oferecido por Ferenczi, Nesse caso em específico, representados por um profissional da área da educação e dois outros envolvidos com a arte e a cultura. O literato em questão era Hugo Ignóty, que viria a ser cofundador da Sociedade Psicanalítica Húngara alguns anos mais tarde – o único membro sem a titulação de médico. Era jornalista e editor do periódico *Nyugat* (Oriente, em tradução), uma referência na vida cultural húngara como veículo midiático de modernização e renovação artística e científica. Ignóty representava ali, portanto, a abertura da sociedade à psicanálise para além das fronteiras médicas e clínicas, publicando mais tarde no jornal, inclusive, inúmeros artigos sobre ela. Foi, ainda, um dos tradutores das obras de Freud para o húngaro, assim como István Hollós, sempre com a supervisão e revisão de Ferenczi.

Na mesma carta escrita para Freud, há uma passagem em que Ferenczi lhe conta sobre uma palestra que havia sido convidado a dar a um grupo privado de sociólogos interessados pela psicanálise. Nela, Ferenczi falou sobre a teoria psicanalítica e reconheceu que aquele havia sido o público mais inteligente e compreensivo com quem havia tido a oportunidade de falar até aquele momento. Com alguma frequência, ele recebia da Associação de Ciências Sociais de Budapeste convites para palestras temáticas. Tais colocações são ilustrativas para pensarmos no interesse generalizado dos intelectuais húngaros pela teoria psicanalítica, que, desde o início, extrapolava as fronteiras de ser considerada simplesmente uma “prática clínica” de interesse médico. O conhecimento psicanalítico, considerado uma teoria geral que não se limitaria a uma prática clínica – mas, sim, voltar-se-ia a um saber científico da psicologia acerca do funcionamento psíquico e relacional como um todo –, já havia sido proposto por Freud desde o início de suas publicações: “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900a/1996), por exemplo, havia sido editada para um público geral interessado pelas ideias psicanalíticas, e não como uma publicação restrita a especialistas médicos. A Hungria, porém, talvez tenha sido o primeiro espaço no qual a psicanálise foi bem recebida por esse “público geral”, mais amplo do que um círculo restrito aos interesses da medicina e da saúde.

De maneira geral, a ciência psicanalítica já encontrava em seu bojo esse espírito teórico multidisciplinar de ciência. No primeiro Congresso Internacional (em Salzburg, em

1908), por exemplo, F. Riklin apresentou uma palestra “antropológica” sobre os problemas na interpretação dos mitos, e Ferenczi proferiu uma palestra sobre a relação entre a psicanálise e a pedagogia (Ferenczi, 1908/2012). Em 1912, Otto Rank e Hans Sachs fundaram a *Imago*, periódico cujo subtítulo era “Revista para a aplicação da psicanálise às ciências do espírito” (Douville, 2006).² A psicanálise, assim, constituía-se como método investigativo e como teoria, deixando de se limitar simplesmente a uma prática clínica voltada à cura de psicopatologias. Em seu círculo de interessados, estudiosos e praticantes, também não havia só médicos neurologistas e psiquiatras. O exemplo mais emblemático talvez seja o do austríaco Otto Rank, intelectual autodidata que se interessou pela psicanálise e passou a frequentar os encontros da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, num primeiro momento como secretário, expondo lá alguns escritos bastante originais – foi somente em 1912 que ele obteve o título de doutor em filosofia, e jamais teve uma formação médica (Roudinesco & Plon, 2007).

O panorama da psicanálise nesse início de século XX, expansiva tanto no sentido territorial quanto no teórico, aparece como comum. Mas, na Hungria a ciência parece ter sido recebida de maneira mais fácil e positiva, pelo menos por aqueles que se situavam fora dos círculos médicos mais tradicionais. No início de 1912, Ferenczi escreve a Freud: “Eu denominaria ‘febre analítica’ a situação atualmente reinante em Budapeste. Nos círculos leigos não se fala de outra coisa; e os médicos não insultam outra coisa” (Ferenczi *apud* Falzeder *et al.*, 1995, p. 65). Na mesma carta, ele relata que logo daria um curso só para médicos, visando os jovens assistentes do hospital, que estavam desejosos para aprender algo mas eram desencorajados por seu chefe, que lhes dizia da falta de cientificidade da psicanálise.

Como colocam Roudinesco & Plon (2007, pp. 358-359), “os fundadores do movimento psicanalítico húngaro tiveram assim um destino original, despojado de qualquer conformismo. A maioria deles produziu trabalhos inovadores”. Judit Mészáros, a maior pesquisadora acerca da história da psicanálise húngara, salienta o quanto o interesse dessa pluralidade cultural dos profissionais húngaros contribuiria para o desenvolvimento ulterior da Sociedade Húngara de Psicanálise, que teria em Ferenczi uma origem e uma “personificação” enquanto uma mente aberta à interdisciplinaridade (cf., p. ex., Ferenczi, 1908/2012, 1912/2012 e 1913/2012, para citar alguns dos mais antigos) (Mészáros, 1998). A

² Para uma discussão mais detalhada sobre a psicanálise tida por Freud essencialmente como “ciência natural” naquele contexto (e sua aproximação cada vez mais presente das discussões das “ciências do espírito”), ver Mezan (2006).

autora destaca, ainda, a força da Sociedade Húngara em seu apogeu, por volta de 1918, quando Budapeste foi considerada por Freud como um excelente polo central para a psicanálise e Ferenczi, eleito presidente da IPA – situação que logo se modificaria por conta dos desdobramentos sociais e mudanças de regime político na Hungria.

2. A fundação da Sociedade Húngara de Psicanálise

No início, Ferenczi encontrou uma série de dificuldades para se iniciar uma Sociedade Psicanalítica em Budapeste. Apesar da época aberta e propícia às novas ideias científicas e filosóficas que surgiam pela Europa, os médicos húngaros não deixaram se encantar tão facilmente pela ciência fundada por Freud; pelo contrário, em sua maioria (e diferentemente do grupo vanguardista intelectual), aliaram-se aos ferrenhos críticos opositores. Dessa forma, Ferenczi começou com um pequeno grupo de entusiastas interessados em agrupar-se numa associação. No início, eram cinco: além do próprio Ferenczi, presidente da Associação, Hugo Ignotus, Sandor Radó, Lajos Levy e István Hollós foram seus cofundadores, em 19 de maio de 1913. Como já expusemos, Ignotus era o único não médico dos membros: era um literato editor de um dos mais importantes periódicos sobre ciência e cultura da Hungria.

Mais tarde, Anton von Freund, doutor em filosofia, amigo e analisando de Freud, também se juntaria à Associação. Ele ficaria conhecido na história da psicanálise pelo suporte financeiro que ofereceu à causa, ajudando na fundação de uma editora psicanalítica (a Verlag) e na criação de uma policlínica em Berlim (a primeira da história da psicanálise), que tinha como objetivos a formação de psicanalistas e o atendimento gratuito e massivo àqueles sujeitos que demandavam algum tipo de ajuda e não tinham condições de financiar um tratamento particular. Freund foi também um dos organizadores do quinto Congresso Internacional, sediado em Budapeste em 1918.

Moreau-Ricaud (2000) sustenta que a fundação da Associação, naquele momento, também tinha uma forte relação com a dissidência recente de Jung, que havia formalmente cortado relações com Freud e a psicanálise – o grupo húngaro se estabeleceria antes do Congresso de Munique e ampliaria, assim, as filiações vinculadas à Associação Internacional.

Ferenczi responde uma carta a Freud acerca de uma possível “virada de mesa” dos membros de Zurique, sustentando que eram (Berlim, Viena, Estados Unidos, Budapeste) ainda a maior força do movimento psicanalítico. Ali, Ferenczi antecipa a fundação do grupo de Budapeste (que ocorreria uma semana depois), afirmando que seria útil, naquele momento, terem outro grupo de confiança em campo. Ou seja, mesmo com todo o ímpeto e esforços de

Ferenczi durante anos para a fundação de uma sociedade húngara, o “empurrão” final veio a partir de uma conjuntura político-institucional, e aquela surgiu nesse ínterim de (re)afirmação de ideias e posicionamentos científicos.

Dentre seus outros membros originais, Lajos Levy, primeiro tesoureiro da Sociedade Húngara, era superintendente em um dos maiores hospitais de Budapeste. Embora não praticasse a psicanálise, mantinha contato bastante próximo com muitos analistas desde o começo dos anos 1900 e, assim, cofundou a sociedade húngara. Sándor Radó, secretário da Sociedade, era então um estudante de medicina. Mudou-se para Berlim alguns anos mais tarde, em 1922, onde começou uma análise com Karl Abraham e logo foi nomeado editor chefe de alguns importantes periódicos psicanalíticos; ficou conhecido pelos trabalhos com toxicomanias. Posteriormente, transferiu-se para os Estados Unidos, após distanciar-se um pouco de Freud, e fundou seu próprio instituto analítico na Universidade de Columbia – mais tarde, este seria reconhecido como a Sociedade Americana de Psicanálise.

István Hollós, psiquiatra, foi nomeado vice-presidente da Sociedade na sua fundação – ele se tornaria o presidente 20 anos depois, com a morte de Ferenczi. Seu interesse focava-se principalmente nos pacientes psicóticos de uma grande clínica-asilo que dirigia, nos arredores de Budapeste.³ A iniciativa de aplicar a psicanálise nas instituições psiquiátricas, transformando, assim, as condições precárias sob as quais os pacientes eram tratados, fez de Hollós um pioneiro em relação ao estudo, à compreensão e ao tratamento dos psicóticos asilados. A proximidade com Ferenczi não se limitava somente ao interesse pela psicanálise ou a amizade que mantinham; Hollós também apresentava estudos originais e aproximava-se em muito de seu contêrrâneo em relação à sensibilidade, empatia e prioridade dedicada ao tratamento dos enfermos.

A Associação húngara ainda se desenvolveria bastante, para além desses cinco precursores, principalmente na década de 1920. A Hungria, recém-independente da Áustria, passava, então, por um período conturbado de reformas políticas, e em poucos anos havia experimentado regimes muito democráticos (Károlyi) e de extrema direita (Horthy), como muito bem salienta Brabant-Gerö (2005a):

Desde o fim da guerra, Géza Róheim, Imre Hermann, Zsigismund Pfeifer e outras personalidades de envergadura ingressaram na Associação Psicanalítica Húngara. Afastados de todo e qualquer papel público, os psicanalistas dão consultas, ensinam, publicam. Róheim desenvolve a noção

³ A clínica, chamada *Lipotmezö*, era também conhecida como “Casa Amarela”.

de antropologia psicanalítica, Hermann trabalha sobre a psicologia da criatividade, Pfeifer sobre as brincadeiras de crianças. [...] Ao longo da década de 1920, József Eisler, Sándor Feldmann, Erzsébet Révész, Bela Félszeghy, Vilma Kóvacs, Alice e Mihály [Michael] Balint aderiram à associação. (Brabant-Gerö, 2005a, p. 902)

Alguns dos nomes destacados no excerto aparecem como grandes expoentes da Associação de Budapeste; constituídos enquanto grupo, organizaram seus próprios seminários e o sistema de ensino. A partir de pesquisas relacionadas à antropologia e à psicanálise, Géza Róheim produziu estudos interdisciplinares e desenvolveu uma teoria ontogenética da cultura; já Imre Hermann, membro desde 1919, empreenderia estudos acerca do impulso de agarrar.

Vale também destacar a origem húngara de Melanie Klein e René Spitz. A primeira, uma das mais estudadas teóricas da história do movimento psicanalítico, analisou-se com Ferenczi na década de 1910 e, graças ao encorajamento deste, seguiu o caminho da psicanálise, desenvolvendo algumas de suas ideias em relação ao desenvolvimento infantil. Ela fez parte da Sociedade Húngara por alguns anos, mas, devido ao contexto sociopolítico conturbado da época, decidiu mudar-se com a família para a Alemanha – e, mais tarde, para a Inglaterra –, onde continuaria seus estudos e a prática analítica. René Spitz foi o primeiro a fazer uma análise didática com Freud, também encorajado por Ferenczi, em 1919; seus trabalhos mais conhecidos, também focados nos primeiros anos de vida do sujeito e seu desenvolvimento, foram escritos nos Estados Unidos, país para o qual mudou-se na década de 1930, após viver alguns anos em Paris.

A Sociedade Psicanalítica de Budapeste, no entanto, ficou à mercê dos acontecimentos políticos que perpassavam a Hungria. Em diferentes governos e regimes, ao longo das primeiras décadas do século XX, encontrou ora seu apogeu, ora seu declínio. Por vezes, encerrou suas atividades formais – encontros e reuniões –, mas a psicanálise nunca deixou de estar presente. Suas atividades só foram encerradas formalmente em 1949, em razão da censura exercida pelo fascismo, e, mesmo assim, seus psicanalistas resistiram e continuaram a exercer suas práticas clandestinamente. Muitos buscaram exílio em outros países, e grande parte dos que permaneceram no país morreu por conta do regime ditatorial, perseguida por razões étnicas, ideológicas ou políticas.

Brabant (1990) associa intimamente a história dos membros da Sociedade Húngara de Psicanálise à história dos judeus húngaros, ao salientar que a grande maioria de seus membros era judia: a situação dos analistas e da permissão para a prática analítica dependia, ainda, das

mudanças políticas vivenciadas no país. A autora destaca que, mesmo defronte à crescente onda de antissemitismo na Hungria, os membros da sociedade vivenciavam, no início da década de 1930, também o apogeu da psicanálise no país: considerando a ligação vigorosa que mantinham com sua pátria, para além do contexto privilegiado de trocas intelectuais ativas e fortes vínculos e amizades, os membros optavam por sua permanência no país, mesmo com toda a perseguição étnica e política da qual eram alvos.

Como sustenta Nemes (1990), ao considerarmos todo o território europeu durante os anos de fascismo, a Hungria foi onde a psicanálise conseguiu sobreviver por mais tempo. O exílio só apareceria como uma realidade generalizada no país nos anos de 1938-1939, quando a situação tornou-se excessivamente opressiva e, portanto, insustentável. Muitos analistas, no entanto, já haviam deixado o país em anos anteriores, desde o começo da década de 1920. Esse foi o caso de Sándor Radó, Franz Alexander, Michael e Alice Balint, para citar apenas os mais conhecidos. Segundo a autora, em 1944 um quarto dos analistas e suas famílias que ainda estavam na Hungria morreu: todos foram vítimas diretas ou indiretas da perseguição fascista.

A sociedade húngara sobreviveria a muitas dificuldades ao longo de sua existência durante a primeira metade do século XX. A primeira delas, que se impôs e interferiu em todo o movimento psicanalítico, foi a Primeira Guerra Mundial. Douville (2006, p. 34) salienta que as revistas de psicanálise sofreram bastante com a falta de tempo e dinheiro. As correspondências entre os psicanalistas também se tornaram mais escassas durante o período de guerra. Por fim, havia ainda os serviços militares: Otto Rank, por exemplo, cumpriu de início a função de redator-chefe de um jornal de propaganda de guerra, mas, em julho de 1915, se alistou na artilharia pesada; Ferenczi, como aponta Moreau-Ricaud (2000), também prestou serviços como médico em uma tropa pequena, junto dos Hussardos. Para o psicanalista húngaro, no entanto, o período foi produtivo: tinha bastante tempo livre para ler, escrever e conduzir análises. Ferenczi relata a Freud, numa carta de 1915, o que seria a primeira análise de que se teria notícia feita sobre cavalos: Ferenczi analisou o comandante de seu exército enquanto cavalgavam. Os desenvolvimentos teóricos e técnicos não ficavam, no entanto, limitados aos atendimentos experimentados em *settings* incomuns. Ferenczi trabalhou ali com neuróticos que sofriam de traumas referentes à guerra. Ele escreveria, depois, um trabalho sobre a psicanálise das neuroses de guerra que viria a ser apresentado alguns anos depois no congresso de Budapeste. Isso criaria um novo campo de investigação psicanalítica.

Moreau-Ricaud (2000) nos diz que a Sociedade Húngara, embora estivesse formalmente parada durante a guerra, sem suas constantes reuniões, não deixava de produzir intelectualmente. Ferenczi se encontrara com Freud durante os anos de guerra e, dentre o que conversaram, Ferenczi expôs a Freud sua ambição de assegurar um espaço na universidade e, ainda, a ideia da policlínica que, a princípio, seria especializada em neuroses de guerra – ideias essas que viriam a se tornar realidade. As reuniões da Associação seriam retomadas devagar, a partir do início de 1917, e somente em 1918 passariam a ocorrer com todos os membros presentes e com a periodicidade habitual. As leituras e apresentações dos membros na Sociedade antecipariam algumas das temáticas que seriam abordadas meses mais tarde, no Congresso Internacional de Psicanálise que seria sediado em Budapeste.

3. O Quinto Congresso Internacional de Psicanálise: Budapeste, 1918

Poderíamos considerar o Quinto Congresso Internacional de Psicanálise como o “momento de triunfo para a psicanálise na Hungria” (Moreau-Ricaud, 2000, p. 51). O prefeito de Budapeste e outros representantes do governo, além de figuras médicas importantes da cidade, também estiveram presentes. A ocasião, no entanto, não representou uma ascensão apenas para a psicanálise húngara, mas foi um momento significativamente importante para todo o movimento psicanalítico, principalmente no que concerne a um engajamento progressista dos psicanalistas, de um ponto de vista técnico e político.

Jones (*apud* Gay, 1989) salientaria o fato de ser a primeira vez em que representantes dos governos (no caso, alemães, austríacos e húngaros) presenciariam e demonstrariam interesse pelas ideias da psicanálise: isso, em grande parte, se devia ao contexto pós-guerra e a inserção da prática psicanalítica difundida dentre os atendimentos médicos no *front* – a teoria do inconsciente, antes rechaçada veementemente, encontrava corroboração nos casos de “neuroses de guerra”, que antes eram tidas simplesmente como fingimento.

Por conta deste novo recorte prático, muitos médicos haviam tomado a prática psicanalítica por outra perspectiva, já que ela se apresentava como possibilidade de tratamento e cuidado. Como destacaria o próprio Freud (Freud, 1919/1996), na exposição dos trabalhos estavam presentes representantes oficiais dos mais altos escalões, como expectadores das discussões acerca das neuroses de guerra; em relação aos médicos, mesmo aqueles que relutavam em entrar em contato com a psicanálise se viram diante de um problema específico que encontrava na proposta psicanalítica alguma linha de compreensão.

Também naquele congresso, Budapeste seria considerada por Freud como o melhor dos lugares para situar o “centro da psicanálise”, e Ferenczi seria eleito o presidente da Associação Internacional. Após o encontro, Freud escreveu a Ferenczi agradecendo pelos esforços e pela organização do evento, e disse saber que, no futuro, a psicanálise – a qual chamaria de “seu bebê” – estaria segura nas mãos de Ferenczi.

O bom momento da psicanálise em Budapeste coincidia, porém, com um novo panorama político e social da Hungria pós-guerra. As mudanças logo após o término da guerra e a “separação” do império Austro-Húngaro foram muitas e incisivas. O país vivenciava um momento turbulento de instabilidade política e econômica que, inicialmente, sob um espírito mais “progressista” pautado em ideais do comunismo, favoreceu as conquistas da psicanálise. Mas, depois de certo tempo, resultou num golpe de estado ditatorial, que tornou o poder centralizado e fez o país ser governado sob um regime direitista que favoreceu a discriminação e o antissemitismo. Como salienta Mészáros (1998), um ano e meio após o Congresso Internacional, a situação de Budapeste era outra: além dos problemas internos na Hungria e da perseguição aos judeus instaurada cada vez com mais força, havia uma dificuldade maior para viagens e para a comunicação entre os analistas húngaros e austríacos pós-império. Como centro europeu do desenvolvimento psicanalítico, Budapeste estava fora de cogitação, e Ferenczi teve até mesmo de deixar a presidência da Associação Internacional. Aquele era o início das ondas de emigrações dos psicanalistas húngaros, que discutiremos um pouco mais adiante.

O Congresso Internacional, realizado nos dias 28 e 29 de setembro, era o primeiro desde 1913. Segundo Gay (1989), Freud se mostrava bastante disposto e animado com o encontro, que se configurou de maneira um tanto quanto modesta: 42 participantes, dos quais 37 eram da Áustria-Hungria. Um dos motivos que embasavam a motivação para um avanço das conquistas psicanalíticas era a doação de uma quantia bastante considerável de dinheiro, feita por Anton von Freund, que foi o “primeiro patrono do movimento psicanalítico”, como o definiria Dupont (2010). Freund foi um rico empreendedor cervejeiro de Budapeste que se beneficiou com a prática da psicanálise, pois havia sido analisado de Freud. Com sua doação, ele subsidiou uma editora psicanalítica, a Verlag, que tornaria Freud e os psicanalistas independentes das demais editoras. Além disso, a doação ainda gerou capital para o implemento de uma policlínica psicanalítica que prestaria serviços públicos àqueles que não tinham como pagar pelo tratamento que, de início, teria Budapeste como cidade sede. A ideia de uma prática psicanalítica mais social, voltada à comunidade, ganharia ainda mais força com as discussões presentes no congresso.

O encontro em Budapeste, apesar de restrito no que concerne ao número de participantes, suscitou importantes questões que seriam cruciais para o desenvolvimento psicanalítico ulterior. O evento não só havia fortalecido o desenvolvimento da ciência na Hungria, mas resultaria também numa série de eventos posteriores e dispararia algumas questões originais no bojo do desenvolvimento da ciência. Foi nesse congresso, por exemplo, que Melanie Klein se encontrou pela primeira vez com Freud. Sándor Lóránd, que também presenciou as atividades, decidiu por tornar-se psicanalista depois de participar do evento.

Dentre as contribuições teóricas que foram lidas no Congresso de Budapeste, vale destacarmos algumas que, de certo modo, representariam perspectivas interessantes no que concerne aos avanços do movimento psicanalítico. Antes mesmo de se tornar um membro associado à Sociedade de Budapeste, Géza Roheim apresentou um texto intitulado “O *self*: um estudo em psicologia da população”. Sua discussão, com bases antropológicas, também se referiria à interdisciplinaridade que ganhava cada vez mais espaço dentre os estudos psicanalíticos. Além disso, complementaria outras obras mais “sociais” da psicanálise, que, até então, eram um tanto restritas. O artigo apareceria, por exemplo, depois de “Totem e Tabu” (Freud, 1900b/1996), e anteciparia “Psicologia de grupo e análise do ego” (Freud, 1921/1996), apenas para citar as obras mais referenciais do criador da psicanálise. Enriquecia muito o desenvolvimento da disciplina a proposta de uma ampliação do campo de estudos e interesses da psicanálise para configurações e laços sociais – já inerentes desde sua fundamentação, mas não recorrentemente colocados como objeto próprio de estudo.

Já Ferenczi, presidente da Associação de Budapeste e um dos organizadores do evento, apresentaria um trabalho sobre as neuroses de guerra, parte de uma espécie de “simpósio temático” que também contava com a participação de Karl Abraham e Ernest Simmel. Para a psicanálise, a vivência da guerra e de suas consequências despertou a atenção para um novo campo de estudos, graças às demandas daquele contexto – isso se generalizaria posteriormente sob o nome de neuroses traumáticas. Especificamente com Ferenczi, porém, o estudo e o interesse começavam a esboçar sua outra proposta de teoria do trauma, voltada ao trauma real e ao desmentido como traumático, já no fim de sua obra – esse posicionamento em muito colaboraria para que a história mais generalizada e formal da psicanálise o deixasse de lado por algumas décadas após sua morte.

Os trabalhos sobre as neuroses de guerra expostos no Congresso seriam reunidos um ano mais tarde, junto de um artigo de Ernest Jones sobre o mesmo assunto, naquela que seria a primeira publicação da editora Verlag, inaugural da coleção *Internationale psychoanalytische Bibliothek*. O prefácio ficaria sob a responsabilidade de Freud (1919/1996).

Na abertura do Congresso, Freud realizou uma conferência que seria publicada primeiramente em húngaro, no periódico *Nyugat*. Intitulado “Linhas de progresso na terapia psicanalítica” (Freud, 1919/1996), o trabalho apresentaria alguns esboços de possíveis reconsiderações técnicas, vistas como parte fundamental do desenvolvimento psicanalítico, e propunha ainda a criação de clínicas psicanalíticas sociais e gratuitas para um atendimento mais “abrangente” da população.

O título em alemão, “*Wege der psychoanalytischen Therapie*” (“Formas da terapia psicanalítica”, em tradução livre), se referiria a desdobramentos possíveis que corresponderiam à prática analítica; o título em inglês, “*Turnings in the Ways of Psycho-Analytic Therapy*”, se referiria, por sua vez, a mudanças ou transformações nos caminhos da análise, pressupondo, portanto, um ponto-chave de reconfiguração. A ideia de “Linhas de progresso” fica, por fim, como característica da tradução clássica brasileira. Mesmo que não componha o título original de seu autor, coloca a conferência de Freud como a que apresentou um caminho “progressista” e, assim, original dentre as perspectivas de desenvolvimento da prática e da pesquisa em psicanálise.

É notável ainda que tenha sido especificamente esse o trabalho lido por Freud num congresso em Budapeste, um trabalho tão referencial e ilustrativo das propostas psicanalíticas que se delinearam e ganharam corpo no encontro, todas condizentes com as iniciativas prévias do próprio núcleo psicanalítico da Hungria. A proposta de uma policlínica psicanalítica já fomentava discussões no retorno das reuniões da Associação de Budapeste – muito por influência das experiências de guerra, como já mencionado –, e eram encabeçadas por Ferenczi, Anton von Freund e Max Eitingon.

Anton von Freund, o “mais vigoroso promotor” da ciência psicanalítica e “uma de suas esperanças mais brilhantes” (Freud, 1920/1996, p. 283), teve todo esse reconhecimento por parte do criador da psicanálise devido a suas iniciativas para a promoção do trabalho e do movimento psicanalíticos. Como já salientamos, von Freund doou uma grande quantia em dinheiro para a causa psicanalítica: uma pequena parte seria destinada à criação da editora, e a maior quantia tinha como meta a fundação de uma clínica social – como destaca Freud em seu obituário, esse era seu desejo maior: ajudar as massas com a técnica terapêutica que, até então, se apresentava somente como possibilidade de trabalho para os ricos. A ideia de uma clínica psicanalítica que ofereceria tratamento e acompanhamento também aos pobres era uma proposta original para uma época na qual a psicanálise não encontrava espaço em instituições públicas de saúde nem era, até então, reconhecida e utilizada pelo estado como intervenção ou tratamento de doenças. O instituto de psicanálise não se limitaria, simplesmente, a oferecer

serviços gratuitos àqueles que o procurariam com algum tipo de queixa: com essa prática, ele seria ainda uma instituição de formação de psicanalistas e um centro para novas pesquisas científicas no âmbito da psicanálise clínica. A análise oferecida à população pobre também seria ensinada e praticada por médicos e demais interessados, e o instituto teria Ferenczi como seu diretor.

Infelizmente, Anton von Freund morreu antes que sua proposta pudesse ser concretizada. Paralelamente a isso, a Hungria passava por um período de instabilidade política bastante considerável nos anos seguintes ao final da Primeira Grande Guerra. Aqueles que estavam agora no poder davam a entender que o projeto não teria espaço em Budapeste. Ferenczi retoma o assunto num artigo publicado postumamente, ao discorrer sobre as policlínicas que começavam a aparecer pela Europa:

Em algumas cidades do exterior, fundações de beneficência implantaram policlínicas psicanalíticas que permitem aos indivíduos das classes sociais mais desfavorecidas recorrer a esse método terapêutico. Também neste país surgiu um filantropo desejoso de se colocar a serviço dessa causa, mas a incompreensão das autoridades responsáveis fez fracassar seus esforços. (Ferenczi, 1913/2012, p. 177)

Os fundos doados por von Freund, porém, continuavam guardados e à serviço do movimento psicanalítico. Semanas após sua morte, Max Eitingon fundaria a clínica social em Berlim. Ele seria aquele que tomaria a dianteira no projeto do instituto ambulatorial psicanalítico e também integraria o famigerado Comitê Secreto de Freud no lugar do amigo falecido – por desejo expresso do próprio Anton von Freund. Agora erradicado na Alemanha, e junto de Ernst Simmel, Eitingon seria o responsável pelo início e pela direção da instituição nos seus primeiros anos de funcionamento, além de colaborar financeiramente para esse fim. Essa seria a primeira clínica a oferecer como serviço público um tratamento de pacientes realizado pelo método psicanalítico e, também, o primeiro instituto de formação de analistas.

Responsável pela iniciativa de criação da Policlínica Psicanalítica de Berlim, Eitingon também a sustentou com recursos próprios por pelo menos uma década. Freud, numa introdução que escreveu ao relatório sobre a policlínica de Berlim (Freud, 1923/1996, p. 319), expressava seu desejo de que outros indivíduos ou sociedades pudessem seguir o exemplo dessa iniciativa e criar instituições semelhantes; ressaltava, ainda, a qualidade dos atendimentos oferecidos: analistas formados e treinados por uma instituição conceituada se

dispunham a atender aqueles que não podiam pagar por um tratamento psicanalítico e, ainda, garantiriam um serviço de excelência, contrapostos àqueles que Freud chamaria de “pessoas ignorantes e não qualificadas”, leigos ou médicos que poderiam exercer papel de charlatões.

Como salienta Mészáros (1998), um programa de treinamento precisava ser criado e implementado, e os húngaros também tiveram um papel importante na estruturação rápida desse primeiro instituto de formação psicanalítica. Sándor Radó, por exemplo, participou do comitê que criou um programa educacional que ainda hoje é usado como modelo referencial em diversas escolas de formação ao redor do mundo. Franz Alexander, que também havia deixado Budapeste para fazer uma formação didática, foi o primeiro aluno matriculado do instituto.

O que impediu a criação da policlínica e do instituto de formação na Hungria foi, mais uma vez, o contexto social e político do país. Exercido pelos conservadores que assumiam o poder sobre a Hungria em 1920 – liderados por Horthy –, o “terror branco” não só impossibilitou diversos avanços direta ou indiretamente ligados à psicanálise, como também foi o responsável pela primeira onda de emigração de psicanalistas, ocasionada pela perseguição por parte dos adeptos mais radicais aos judeus. O território húngaro parecia cada vez mais inóspito para o desenvolvimento da prática psicanalítica, principalmente aquela concernente a papéis públicos desempenhados pelos psicanalistas. Ferenczi, por exemplo, foi excluído da Associação dos Médicos de Budapeste, e a psicanálise deixou de ser associada a qualquer tipo de serviço público. O regime, extremamente conservador, viu na psicanálise e nos psicanalistas um espírito subversivo e progressista demais em relação a suas propostas de governo ditatorial.

Porém, como salienta Moreau-Ricaud (2005), mesmo que afastados do exercício de todo e qualquer papel público e associado ao governo, os psicanalistas não deixaram de atuar: pelo contrário, continuaram mais do que nunca com as consultas, as reuniões da Associação, o ensino a interessados e as publicações. A década de 1920, que, de início, quebraria com o promissor empreendedorismo psicanalítico na Hungria⁴, não chegou a impedir totalmente o desenvolvimento da psicanálise no país.

4. A Sociedade Húngara de Psicanálise na década de 1920

⁴ Esse empreendedorismo foi instaurado com a retomada de reuniões da associação psicanalítica, os planos originados no Congresso Internacional de Budapeste e, paralelamente, com a cátedra conquistada por Ferenczi na Universidade, seu papel de presidente da Associação Internacional e, ainda, a concentração de todo o centro do movimento psicanalítico em Budapeste.

Nesses anos, as mudanças referentes à Sociedade Psicanalítica de Budapeste também se fazem notar. Se, por um lado, uma onda de emigrações ocorreu por conta de questões políticas – como aponta Mészáros (1998), entre 1920 e 1924 Sándor Radó e Sándor Lóránd⁵ deixariam o país e partiriam, respectivamente, para Berlim e Nova York, enquanto Michael Balint, Alice Balint, Franz Alexander e Therese Benedek saíam de Budapeste para uma formação psicanalítica na Alemanha –, por outro, havia novos interessados em ingressar na Associação. Melanie Klein, por exemplo, conduzida por Ferenczi, havia se tornado membro da Associação em julho de 1919, após apresentar um trabalho dedicado à análise de uma criança de 5 anos (que, na realidade, era seu próprio filho, Erich). Essa seria ainda sua primeira publicação psicanalítica. Klein, no entanto, também se viu obrigada a deixar a Hungria por conta das perseguições políticas: junto de sua família, emigrou para a Alemanha em 1921, onde continuou a desenvolver sua pesquisa e a prática psicanalítica, que se tornaram tão célebres e importantes no que diz respeito ao desenvolvimento teórico da ciência.

Michael e Alice Balint voltariam a Budapeste depois de concluída a formação em Berlim e viveriam por mais alguns anos na capital húngara. Eles se tornariam membros da Associação em 1926 e participariam ativamente das reuniões, das leituras de artigos e das discussões teóricas e clínicas. Emigrariam novamente – e agora, em definitivo – para a Inglaterra, por conta da perseguição antissemita que antecipava o cenário da Segunda Guerra Mundial, já no fim da década de 1930. Melanie Klein, da Alemanha, também emigraria para o território inglês – a escola britânica de Psicanálise foi bastante influenciada pelo pensamento húngaro.

Outro exemplo de um novo membro que teria papel significativo na Associação Psicanalítica de Budapeste seria Géza Roheim. Primeiro antropólogo a se tornar psicanalista, havia começado uma análise com Ferenczi em 1916, aos 35 anos. Ele faria uma segunda análise com Vilma Kóvacs, e, alguns anos mais tarde, em 1919, se tornaria um membro da Sociedade húngara de psicanálise.

Roheim teria um papel significativo no progresso da pesquisa psicanalítica nesse contexto desenvolvimentista tão característico das investigações presentes na Sociedade húngara: ao desenvolver o que ficou conhecido como “antropologia psicanalítica”, ou etnopsicanálise, ampliou os horizontes de trabalho da psicanálise aplicada. Grande parte de suas pesquisas foi feita a partir de experiências de campo e não se limitava, assim, ao debate

⁵ Mészáros (1998) nos apresenta uma frase de Lóránd que talvez sintetize muito do que se presenciava em Budapeste em 1925, quando deixou o país: “Eu não consigo enxergar a possibilidade de um futuro pacífico aqui”.

simplesmente teórico. Tal empreitada o possibilitou rebater críticas do campo da antropologia (principalmente aquelas sustentadas por Malinowski) às postulações freudianas acerca do universalismo do complexo de Édipo como fundamental para a estruturação e dinâmica social em qualquer cultura. Com os estudos etnográficos *in loco*, Roheim pôde chegar às conclusões de que até as sociedades matrilineares podiam ser classificadas como estabelecidas a partir de um modelo edipiano, mesmo que em cada uma das culturas o princípio universal pudesse manifestar-se de maneira diferente – no caso das sociedades matriarcais, por exemplo, elas eram organizadas a partir de um modelo pré-edipiano.

A partir das considerações de Roudinesco & Plon (2007), é interessante destacar que Roheim encontrou nas formulações psicanalíticas de Melanie Klein seu principal ponto de apoio, principalmente no que se refere às organizações pré-edípicas, condizentes com as relações mais arcaicas entre mãe e bebê:

[Escreveu] seu primeiro livro sobre o totemismo australiano, publicado em 1925. Nesse estudo puramente livresco, Roheim não aderiu às posições enunciadas por Freud em *Totem e tabu*. Substituiu a perspectiva filogenética por uma hipótese ontogenética, inspirando-se diretamente nos primeiros trabalhos de Melanie Klein sobre as relações arcaicas da criança com a mãe. Assim, foi sob os auspícios do kleinismo, e na linhagem de uma filiação húngara representada por Ferenczi e Imre Hermann, que se desenvolveu a primeira aplicação da psicanálise à antropologia. (Roudinesco & Plon, 2007, pp. 664-665)

Os autores do *Dicionário de Psicanálise*, no entanto, fazem uma consideração: apesar da inclinação de Roheim pelas propostas kleinianas, o antropólogo era avesso a qualquer ortodoxia e, durante toda a sua produção teórica, não se tornou um adepto rígido a nenhuma das escolas psicanalíticas, mantendo sua independência ao circular dentre todas as propostas que pudessem colaborar com suas pesquisas, e tendo por Freud sua mais forte admiração.

Roheim, portanto, poderia ser reconhecido como um dos precursores da aplicação do método psicanalítico a um trabalho de campo (no caso, em pesquisas etnográficas). Ainda pautado em Klein, como aponta Brabant-Gerö (2005b), Roheim buscava compreender as principais atividades humanas nas sociedades em que viveu, dando considerável importância às fantasias de destruição e de reparação como basais para a constituição da cultura e do psiquismo. Ainda segundo a autora, ele defendia a superioridade das culturas mais

“primitivas” – antepostas à nossa cultura moderna/ocidental e organizadas, de modo geral, numa tipologia oral –, ao dizer que, essencialmente, seríamos demasiadamente dominados por formações reativas anais, consequência da estrutura civilizada.

O psicanalista-antropólogo húngaro também deixaria o país, em virtude da ascensão fascista, em 1938 (junto à “segunda onda de emigrações”), e se instalaria nos Estados Unidos, primeiramente como psicanalista em um hospital de Worcester e, posteriormente, em Nova York, onde nunca foi reconhecido pela Sociedade Psicanalítica da cidade por não ser um médico. Isso, no entanto, não fez que ele deixasse de se dedicar à pesquisa e à publicação de estudos psicanalíticos.

Roheim exercerá um papel importante também no que se refere aos cursos introdutórios e complementares à formação psicanalítica de candidatos na Sociedade húngara: suas palestras e seminários, sempre voltados à etnologia e à psicanálise aplicadas, passarão a integrar um conjunto de disciplinas propostas pelo comitê de formação institucional, estabelecido em 1925 e organizado, principalmente, por Ferenczi e Vilma Kóvacs.

A responsabilidade por seminários e leituras, tanto nas reuniões da Associação como nos cursos introdutórios a novos interessados ou para a formação de analistas, porém, não recaía somente sobre os três teóricos supracitados: todos os membros da Sociedade desempenhavam tarefas importantes no desenvolvimento e na propagação da psicanálise. A Associação que, durante a década de 1920, contava com uma média de 15 membros, se mantinha com bastante força, mesmo desvinculada pelo governo de papéis públicos referentes à saúde e descredenciada pela organização médica.

A Sociedade organizava ainda cursos teóricos de psicanálise. Pelo menos uma vez ao ano e abertos ao público interessado – médicos e não médicos –, eram oferecidos cursos com leituras introdutórias, divididos em temas básicos: Hermann falava sobre a psicologia psicanalítica; Michael Balint, sobre a teoria das pulsões; Roheim, sobre etnologia; e Hollós, sobre a técnica interpretativa. A procura por esses cursos era intensa. Num curso oferecido em 1928, por exemplo, sob a liderança de Ferenczi, com leituras introdutórias e referentes à história do movimento psicanalítico, foi preciso mudar o lugar usual dos encontros para o grande Salão de Concertos da Academia de Música de Budapeste (Hermann, 1928).

O interesse do público, no entanto, partia de uma iniciativa mais particular de curiosidade e desejo de conhecimento acerca das leituras e formação psicanalíticas, e não associado a qualquer tipo de propaganda ou incentivo referente à formação em medicina e à universidade ou mesmo de publicações vinculadas a qualquer órgão oficial de medicina ou do governo. Num dos cursos, oferecido em 1925, por exemplo, os psicanalistas receberam uma

recusa contundente de um periódico médico oficial de Budapeste, que não queria vincular-se à prática psicanalítica. A recusa, reproduzida na ata de reunião da Sociedade, foi a seguinte:

Nossa Faculdade e, até onde sabemos, todas as demais Universidades húngaras repudiam tão fortemente as teorias psicanalíticas de Freud e Ferenczi que este periódico, como órgão oficial destas Universidades, não pode aceitar a propagação nem a discussão dessas teorias. (“Carta assinada pelo Editor, sem maiores referências” *apud* Hermann, 1925, pp. 362-363)

A declaração é extremamente ilustrativa do contexto que vivenciava a Sociedade Húngara de Psicanálise. Além de rechaçada como teoria científica ou prática de saúde reconhecida pelos meios de formação acadêmica, a psicanálise também não encontrava espaço para sua propagação com muita facilidade. A situação externa, porém, não condizia com o desenvolvimento institucional da Sociedade, que continuava a ter reuniões regulares, oferecer seminários e cursos e, nesse mesmo ano de 1925, começaria a implantar um programa de formação de analistas. O Instituto de Formação de Analistas da Sociedade Húngara tomaria forma com um comitê, formado em junho de 1925 e encabeçado por Ferenczi e Vilma Kóvacs, e começaria suas atividades em janeiro de 1926. Os dois elaborariam um método de formação de psicanalistas próprio para a Hungria, que se diferenciava daquele do Instituto da Sociedade de Berlim.⁶ Alguns anos mais tarde, em 1930, a Sociedade Húngara de Psicanálise criaria uma clínica específica para crianças em Budapeste, sob a direção de Margit Dubovitz, uma das psicanalistas analisadas por Ferenczi, e com o apoio da Liga Húngara para a Proteção das Crianças. Já em 1931, seria fundada a policlínica, tal qual havia sido idealizada havia mais de uma década por Anton von Freund. Ela ficaria sob a direção de Ferenczi e seria localizada num prédio concedido por Kóvacs e seu marido. Na policlínica, os analistas da Associação – ou analistas em formação – atenderiam pacientes em consultas gratuitas.

No início de 1927 (Hermann, 1927), os psicanalistas húngaros da Sociedade discutiriam a questão da análise leiga (formação e prática da psicanálise realizadas por não médicos) e decidiriam por abrir esse espaço aos interessados. Algumas aulas e leituras dessa formação traziam questões da medicina que seriam pertinentes a um psicanalista e que, talvez, não seriam de conhecimento daqueles que não eram médicos formados. Essa postura em

⁶ Discutiremos a formação psicanalítica na escola húngara mais detidamente no tópico seguinte.

relação à análise leiga, corroborada por Freud, não era unânime dentre as Sociedades psicanalíticas.

As palestras organizadas para o início daquele ano, no instituto de formação, ficariam sob a responsabilidade de Hollós, Pfeifer e Eisler. Alice Balint, por sua vez, também ofereceu um curso no Instituto para o público leigo, sobre a análise psicológica de crianças; segundo nota do boletim da Sociedade, foi muito bem frequentado. As apresentações, no entanto, não se restringiam somente aos candidatos – com exceção de algumas específicas para a formação.

Em 1928, sob a direção de Imre Hermann, o Instituto havia organizado palestras voltadas a professores; no ano seguinte, Alice Balint tomaria a frente em algumas conferências destinadas aos interessados em educação. A Sociedade psicanalítica mantinha seu espírito interdisciplinar, pensando sempre numa psicanálise que estava além da clínica e de uma prática que se interessava somente pela psicopatologia.

Ainda em 1928, Ferenczi organizaria um programa de estudos dividido em quatro módulos e pensados para o ensino teórico dos candidatos, instituiria um seminário sobre a técnica para os candidatos mais avançados e, ainda, cederia espaço em sua clínica particular para a prática psicanalítica desses alunos como analistas, já em processo final da formação. Essa etapa clínica completaria, por fim, o programa de treinamento e formação desses candidatos. Uma policlínica própria da Sociedade e atrelada ao instituto de formação só viria a existir em 1931.

Além das preocupações com o instituto de formação e a policlínica, as reuniões da Sociedade Húngara serviam como espaço privilegiado para discussões teóricas e apresentações de artigos inéditos. Mas não era simplesmente pelo ineditismo que os escritos tinham valor: de um ponto de vista qualitativo, tal “ineditismo” muitas vezes tomava a forma de originalidade e pioneirismo. Os casos clínicos, as propostas teóricas, os estudos de psicanálise aplicada, as problematizações da técnica, as áreas de interesse, a interdisciplinaridade e todas as temáticas possuíam a perspectiva de uma exploração e uma investigação expansivas, uma busca ferrenha pela evolução e pelo desenvolvimento da psicanálise.

As reuniões não se restringiam a apresentações dos membros da Sociedade. Com frequência, era aberto espaço para palestrantes-convidados de outras sociedades, ou debatiam-se trabalhos inéditos publicados recentemente. Como casos ilustrativos, poderíamos citar a participação de Georg Groddeck, em 1925, discutindo o tratamento psicanalítico das doenças internas, ou Wilhelm Reich, convidado em 1926 e 1928 para apresentar trabalhos sobre as

perturbações psíquicas do orgasmo e o manejo da transferência, respectivamente. Anna Freud também participava de apresentações e tinha seus trabalhos referentes à psicanálise com crianças analisados e discutidos criticamente nas reuniões.

Mészáros (1998) afirma que, em meados da década de 1920, Budapeste havia se recuperado de um primeiro “golpe” e começava, mais uma vez, a se desenvolver rapidamente. Dentre os pontos positivos, destaca o retorno do casal Balint de Berlim para terminar suas análises com Ferenczi e sua participação nos assuntos referentes à Sociedade. Além disso, havia grande procura de jovens para ingressar no movimento: as palestras abertas apresentadas na Sociedade eram sempre atraentes aos “não iniciados” nas discussões psicanalíticas. Além disso, muitos intelectuais em Budapeste demonstravam um interesse cada vez mais crescente pela psicanálise.

Nesse ínterim, Ferenczi continuava suas pesquisas com vistas a inovações ou modificações referentes à técnica psicanalítica, sempre na busca por melhores resultados clínicos/terapêuticos. Ainda segundo Mészáros (1998), isso acarretaria uma espécie de ânimo e incentivo compartilhados que, de certo modo, se generalizariam pela Sociedade, com cada analista buscando também em seus empreendimentos teóricos e práticos, investigativos suas próprias lutas e interesses originais, variantes da teoria e técnica mais “clássicas”. Nisso eles compartilhariam, para além de questões conceituais, também o posicionamento ético e o espírito investigativo. Esse era o “causa” priorizada pelos membros da Sociedade na década de 1920 e que, posteriormente, permaneceria e se estenderia nos anos seguintes, mesmo que longe das terras húngaras. As contribuições foram muitas. No tópico a seguir, discutiremos as questões que caracterizariam a identidade da Escola Húngara de psicanálise, sua evolução e configuração, além de destacarmos seus principais pontos de interesse, desenvolvimento e problematizações no que concerne à teoria e à técnica psicanalíticas.

5. A derrocada da Sociedade Húngara de Psicanálise

O ano de 1933 foi o da morte de Ferenczi: em maio, o presidente e principal figura da Sociedade Húngara de Psicanálise era vítima de uma anemia perniciosa e deixava, assim, de prosseguir com seus escritos mais inovadores e originais. Ele interrompia um caminho recém-aberto que seria percorrido por alguns colegas húngaros, principalmente por aquele que poderíamos considerar como seu discípulo e principal defensor, Michael Balint. O ocorrido abalou a Sociedade Psicanalítica, que escolheu István Hollós, que até então atuava como

psicanalista e também como médico clínico particular de Ferenczi, para assumir o posto recém-deixado de presidente da instituição.

No entanto, o legado de Ferenczi permaneceu por muitos anos, mesmo que indiretamente e, de um ponto de vista oficial (formal), nos “bastidores” do desenvolvimento psicanalítico. Ganhou força e reconhecimento maiores décadas depois da morte do psicanalista húngaro, graças às releituras contextualizadas de suas obras e o caminho tomado pelo desenvolvimento psicanalítico, que então coincidia com os pontos de vista defendidos por Ferenczi muito tempo antes.⁷

Nos seus três últimos anos de vida, Ferenczi escreveu os artigos que seriam considerados os mais radicais e polêmicos de sua vida, com propostas inovadoras que repensavam, por exemplo, posicionamentos fundamentais da psicanálise com relação à teoria do trauma ou à relação transferencial (e contratransferencial) e também o papel do analista. Fortemente contestado pelos grupos mais ortodoxos da psicanálise, Ferenczi foi praticamente “excluído” como referência básica em psicanálise por grande parte do movimento nas décadas que sucederam sua morte. Dupont (1998) consideraria como um “sintoma” a aceitação massiva e tácita de toda a sociedade psicanalítica das afirmações feitas por Ernest Jones, biógrafo oficial de Freud e presidente da IPA por muitos anos, de que Ferenczi havia enlouquecido nos seus últimos anos de vida. Jones descartava a validade dos últimos escritos ferenczianos, vistos como frutos de uma “insanidade”, e tal posicionamento era simplesmente aceito por grande parte dos psicanalistas. Mais à frente, discutiremos as influências e a inspiração despertadas por Ferenczi, basais em uma série de propostas teóricas e posicionamentos particulares de grandes psicanalistas do século XX. Mesmo que não “oficialmente” reconhecido, aqueles que tinham implicações diferenciadas e uma visão ampliada e progressista acerca dos alcances psicanalíticos sempre mantiveram Ferenczi como leitura importante para seus próprios escritos e, ainda, como inspiração clínica e investigativa.

Nesses últimos anos de vida, Ferenczi “[...] sentia-se cada vez mais à vontade para expor aquilo que constatava e propunha enquanto desenvolvimento teórico e, principalmente, técnico no movimento psicanalítico” (Casadore, 2012, p. 94). Podemos considerar, assim, que o psicanalista húngaro assumia cada vez mais uma postura autônoma e não necessariamente condicionada por discursos maiores e já assentados da psicanálise clássica. Ele propunha revisões teóricas, problematizava aspectos que pareciam imunes a problematizações e, principalmente, propunha algumas variações referentes às técnicas psicanalíticas no que dizia

⁷ Para uma discussão mais detalhada acerca desse tópico, conferir Casadore (2012).

respeito à prática clínica. Esse espírito de vanguarda assumido por Ferenczi desde a década de 1920 e mais enfatizado em seus últimos anos de vida, até 1933, coincidia com o período de maior desenvolvimento teórico da Sociedade Húngara. Era esse o ânimo compartilhado, a causa empreendida pelos seus membros. Essa era a identidade estruturada da escola de pensamento húngara.

A instituição de Budapeste, no entanto, enfrentava problemas maiores e de outra ordem. Não bastasse a exclusão formal por parte do estado húngaro dos médicos psicanalistas como membros da associação de médicos da Budapeste, a Associação passava a ser perseguida, novamente, por um estado cada vez mais direitista, conservador e antissemita, e tinha de lidar com isso funcionando sem grande destaque ou promoção, sempre de maneira restrita. Num primeiro momento, ainda havia a liberdade para que os analistas participassem da vida cultural da cidade e pudessem prosseguir com a prática da psicanálise e a publicação de ensaios e artigos. Os encontros, porém, escasseavam com o passar dos anos e ficavam cada vez mais difíceis e vigiados, o que ocorreu até o fechamento da Associação, em 1949.

Como descreve Nemes (1990):

Durante vários anos antes mesmo do início da [Segunda] guerra, era preciso comunicar à polícia todas as conferências da Associação. Ainda que, à época, todas as instituições fossem politicamente controladas, os psicanalistas eram suspeitos por dois motivos: enquanto judeus e enquanto homens de esquerda. (Nemes, 1990, p. 226)

A passagem ilustra muito bem a atmosfera que permeava Budapeste durante os anos que antecederam a ocupação alemã da Hungria e, posteriormente, a Segunda Guerra Mundial. Além do posicionamento antissemita do governo, que mais tarde se tornaria formalizado, reconhecido e muitíssimo mais radical, os líderes políticos viam nas ideias psicanalíticas ideais que se vinculavam por demais à oposição, que era antiterrorista. Mesmo que não filiado a partidos políticos, o psicanalista sustentava, por excelência, um discurso que se contradizia totalmente às prerrogativas do regime e, por isso, ele era visto como perigoso, como um “revolucionário” em potencial – mesmo que informalmente, eles eram integrantes de um movimento de radicais progressistas.

Nemes (1990) ainda destaca o “funcionamento” das reuniões e assembleias: sempre havia um detetive do governo a tomar notas daquilo que se discutia na instituição. Com relação às palestras públicas, por frequentemente terem na plateia membros partidários da

esquerda clandestina, elas eram menos frequentes que as reuniões privadas, a fim de evitar qualquer tipo de problema. Com o passar do tempo, em vez das conferências clínicas, as palestras públicas passaram a abordar conteúdos cada vez mais “abstratos”: Hermann, por exemplo, tratava da investigação interpretativa da história de matemáticos, e Pfeifer proferia leituras sobre psicanálise e música. A censura também influenciava as publicações literárias da sociedade. Nemes (1990) nos diz que *O instinto filial*, livro de Imre Hermann que saiu nos anos finais da Segunda Guerra, teve passagens que se referiam à atividade sexual da mulher e à masturbação cortadas – segundo o governo alemão, elas eram ofensivas à moral pública. Mesmo assim, a censura deixaria escapar pontos de crítica à militarização e ao antissemitismo.

Nos anos que antecederam a guerra e durante o conflito, a força institucional se perdeu, mas felizmente não se pode dizer o mesmo acerca das produções científicas. Mesmo com todos os boicotes sofridos por parte do estado, o desenvolvimento interno manteve-se forte: havia novos entusiastas, em sua maioria jovens, e a psicanálise expandia-se como ciência que interessava um número cada vez maior de intelectuais.

Poderíamos até mesmo concluir que o impedimento de se vincular a prática psicoterapêutica da psicanálise diretamente ao ensino em faculdades de medicina ou à exclusividade da prática médica na Hungria foi importante para essa expansão que conquistava espaços outros que não simplesmente os inseridos no campo da saúde paliativa. A psicanálise alinhava-se muito bem às demais ciências humanas e sociais como teoria complementar, dialogava com facilidade e fornecia pontos a serem considerados que antes não existiam nas diversas áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade e a psicanálise aplicada foram muito importantes na história do movimento psicanalítico, pontos responsáveis por termos hoje essa rica psicanálise, ainda e sempre em constante expansão.

A proximidade da guerra e a ocupação alemã colocavam em risco a continuidade da Sociedade psicanalítica. Para manterem-se em atividade, os húngaros nomearam um ariano como presidente da Associação e, graças a essa atitude, prolongaram seu funcionamento. Ela só seria fechada em 1949, após a guerra.

Nessas décadas, a onda de emigrações foi bastante considerável, e muitos analistas fugiram da Hungria durante os anos que antecederam a Segunda Guerra. Outros, no entanto, não tiveram a mesma sorte: após a ocupação alemã, ficaram impossibilitados de deixar o país. O antissemitismo do governo fascista foi responsável pela perseguição e morte de alguns deles, como ocorreu, por exemplo, com Zsigmond Pfeifer. Os pais de Michael Balint também morreram durante a ocupação alemã e o holocausto. Eles cometeram suicídio para evitar as

câmaras de gás. Já Imre Hermann ficou durante todo o período em Budapeste e sobreviveu à perseguição. Ele foi um dos nomes da Sociedade que mantiveram seu funcionamento.

Mesmo que por um curto período no pós-Guerra, a partir de 1945, a Associação Psicanalítica tivesse retomado suas atividades e conquistado espaço ao assumir alguns papéis públicos em saúde e educação, a situação nunca mais seria a mesma. Foram somente três anos de funcionamento pleno antes de ela ser novamente “atacada” e fechada em definitivo em 1949 (na Associação, havia ainda problemas internos de funcionamento e administração). A Hungria, país tão significativamente importante na história do movimento psicanalítico em seus primórdios, ficaria por décadas sem uma Sociedade vinculada à IPA: foi somente em 1989 que uma vinculação oficial foi formalizada.

Considerando o recorte histórico e os acontecimentos vivenciados pelos analistas húngaros nessas décadas, nosso intuito, neste trabalho, foi o de direcionar a atenção para os períodos vistos como mais prósperos e influentes cientificamente, numa consideração mais ampliada do movimento psicanalítico, a saber: a década de 1910, com seu ápice no Congresso Internacional sediado em Budapeste em 1918; e os meados da década de 1920 até a metade da década de 1930. Ao fim de cada um desses dois períodos, houve uma considerável migração de grandes analistas húngaros, ocorrida por motivos distintos. Essa espécie de “*díaspóra*” psicanalítica, no entanto, pode ser vista por outra perspectiva: se, por um lado, a Sociedade Húngara perdia alguns de seus membros importantes (junto com seu espaço público e sua liberdade de funcionamento no contexto sociocultural), por outro ela continuava sendo um polo de “produção” de analistas e de conhecimento bastante importante para o movimento psicanalítico e o desenvolvimento científico da psicanálise, principalmente no que corresponde às “ampliações” das fronteiras teóricas e técnicas de até então e, ainda, à originalidade das produções científicas e dos posicionamentos ético-políticos no campo da clínica.

Ferenczi era aquele que “personificava” tal espírito crítico, experimental, inovador. Balint, por exemplo, já na Inglaterra, continuaria na linha de pesquisa ferencziana mesmo após a morte de Ferenczi – até mesmo trabalhando na continuidade de alguns aspectos teóricos e técnicos que haviam sido propostos por seu ex-analista. O país era outro, mas o espírito, o ideário e o posicionamento ético e crítico se mantinham “húngaros”. Os analistas que migravam “espalhavam” pelo mundo alguns desses princípios desenvolvidos na Sociedade Húngara de Psicanálise. É por essa *identidade* húngara, pela “escola” psicanalítica húngara formada nesses anos iniciais e pelo espírito crítico que também foi desenvolvido naquele contexto e posteriormente disseminado que continuaremos a explorar a importância

desses sujeitos e desses eventos para a história psicanalítica, pois eles são uma influência fortemente presente em algumas tendências da psicanálise contemporânea e da clínica psicanalítica na atualidade.

Referências

Brabant, E. (1990). Os psicanalistas húngaros no exílio: o luto e a renovação. In A. Mijolla (Org.), *Revista Internacional da História da Psicanálise*, 1(1988), (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Brabant-Gerö, E. (2005a). Hungria. In A. Mijolla (Org.), *Dicionário internacional da psicanálise*. (Á. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Brabant-Gerö, E. (2005b). Róheim, Géza. In A. Mijolla (Org.), *Dicionário internacional da psicanálise*. (Á. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Casadore, M. M. (2012). *Sándor Ferenczi e a psicanálise: pela errância das experimentações*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Douville, O. (1988). La “locura” de Ferenczi (ce fou de Ferenczi). *Coq-Herón*, 104. Recuperado em 4 maio, 2010, de <http://www.indepsi.cl/ferenczi/articulos/dupont.htm>

Douville, O. (2006). Cronologia: situação da psicanálise no mundo, durante a vida de Freud. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 19(188), 22-53.

Falzender, E., Brabant, E. & Giampieri, P. (Orgs.). (1994). *Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: correspondência (1908-1911)*. (C. Cavalcanti & S. Lages, Trad., Vol. 1, t. 1). Rio de Janeiro: Imago.

Falzender, E., Brabant, E. & Giampieri, P. (Orgs.). (1995). *Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: correspondência (1912-1914)*. (C. Cavalcanti & S. Lages, Trad., Vol. 1, t. 2). Rio de Janeiro: Imago.

Ferenczi, S. (2012). Psicanálise e pedagogia. In S. Ferenczi, *Psicanálise I*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909).

Ferenczi, S. (2012). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Psicanálise I*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1910).

Ferenczi, S. (2012). Filosofia e psicanálise. In S. Ferenczi, *Psicanálise I*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912).

Ferenczi, S. (2012). A importância da psicanálise na justiça e na sociedade. In S. Ferenczi, *Psicanálise II*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos: primeira parte, segunda parte e sobre os sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900a).

Freud, S. (1996). Totem e Tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900b).

Freud, S. (1996) Psicanálise silvestre. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). A História do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Introdução a “A psicanálise e as neuroses de guerra”. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1996). Anton von Freund. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (1996). Prefácio ao relatório sobre a Policlínica Psicanalítica de Berlim (março de 1920 a junho de 1922), de Marx Eitingon. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Hermann, I. (1925). Hungarian Psycho-Analysis Society. *Bul. Int. Psychoanal. Assn.*, 6, 362-363.

Hermann, I. (1927). Hungarian Psycho-Analysis Society. *Bul. Int. Psychoanal. Assn.*, 8, 450-451.

Hermann, I. (1928). Hungarian Psycho-Analysis Society. *Bul. Int. Psychoanal. Assn.*, 9, 390-391.

Mautner, A. V. (1994). A caminho de Budapeste. In: A. V. Mautner, *Crônicas científicas*. São Paulo: Escuta.

Mautner, A. V. (1996). Ferenczi: cultura e história. In C. H. Katz (Org.), *Ferenczi: história, teoria, técnica*. São Paulo: Editora 34.

Mautner, A. V. (2009). Ferenczi: Budapeste. *Ide*, 32(48), 191-197.

Mészáros, J. (1998). The tragic success of European psychoanalysis: "the Budapest school". *International Forum of Psychoanalysis*, 7, 207-214.

Mezan, R. (1993). Do auto-erotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. *Percurso: revista de psicanálise*, 10(1), 19-30.

Mezan, R. (2006). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Moreau-Ricaud, M. (2000). The founding of the Budapest School. In P. Rudnytsky, A. Bokai & P. Giampieri-Deutsch (Orgs.), *Ferenczi's turn in psychoanalysis*. Nova York: NYU.

Moreau-Ricaud, M. (2005). Hungria. In A. Mijolla (Org.), *Dicionário internacional da psicanálise*. (Á. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro.

Nemes, L. (1990). Duas guinadas históricas no destino dos psicanalistas húngaros durante os anos 40. In A. Mijolla (Org.), *Revista Internacional da História da Psicanálise*, 1(1988), (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Roudinesco, E., & Plon, M. (2007). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Szecsödy, I. (2007). Sándor Ferenczi: the first intersubjectivist. *Scandinavian Psychanalytical Review*, 30(1), 31-41.